

AS MOEDAS CELTAS NA GÁLIA: CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS ACERCA DAS IMAGENS*

Filippo Lourenço Olivieri**

Resumo:

A partir do século III a.C., inspirados nas cunhagens de povos mediterrânicos, povos celtas da Gália temperada começaram a cunhar moedas, geralmente difundindo imagens de suas próprias ideias religiosas. O objetivo deste trabalho é propor uma explanação introdutória acerca das imagens nas moedas celtas no final da Idade do Ferro na Gália.

Palavras-chave: moedas celtas, imagens nas moedas da Idade do Ferro; celtas na Gália; Idade do Ferro na Gália.

Introdução

A moeda tinha grande importância na Antiguidade Clássica. Sobre o estudo das moedas, afirma Funari, “Sua importância para o conhecimento da vida econômica, social, cultural e política antiga não pode ser subestimada” (FUNARI, 2003, p. 50).

Assim, o estudo das moedas cunhadas pelos povos celtas¹ da Idade do Ferro é de grande relevância. No entanto, tais moedas costumam ser vistas como imitações daquelas de povos mediterrânicos: macedônios, gregos e romanos. As análises tendem a privilegiar os aspectos econômicos e comu-

* Recebido em 01/12/2012 e aceito em 10/01/2013.

** Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Membro do Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade (Ceia/UFF). E-mail: filippo_olivieri@hotmail.com.

mente não abordam a natureza religiosa das imagens exibidas. Uma vez que se trata de povos que cultivavam uma tradição oral, não há muitas informações acerca do significado da iconografia monetária. Dessa forma, abordagens para além dos aspectos econômicos tornam-se um desafio. Entretanto, não apenas por serem cunhadas por povos celtas, mas por exporem seus temas religiosos, podemos denominá-las moedas celtas.

O objetivo deste trabalho é contribuir para o estudo das moedas celtas por meio de uma explanação introdutória. Abordaremos de forma sintética questões relacionadas, em particular, às imagens, envolvendo religião, identidade, escrita, etc. Pretendemos abordar o numerário celta na Gália temperada² não como um apêndice do grego e romano, mas como elemento da cultura dos povos celtas da Idade do Ferro na Gália.

Cunhagem e usos da moeda na Gália na Idade do Ferro

A introdução das moedas na Gália temperada costuma ser atribuída ao retorno de mercenários³ celtas de suas atividades nos reinos helenísticos no Mediterrâneo, desde o início do século III a.C. (SZABÓ, 1997, p. 356; WELLS, 2001, p. 94; ALLEN, 2007, p. 74). Entre as principais moedas que serviram de inspiração para as cunhagens celtas, destacam-se os estáteres de ouro de Filipe II da Macedônia (382-336 a.C.).⁴ A iniciativa das primeiras cunhagens gaulesas coube aos arvernos (Auvérnia, França), com o suporte das minas auríferas do Limousin, no Maciço Central (França central) (BUCHSENSHUTZ, 1997, p. 566-567). Entre outras importantes utilizadas como modelos estão os estáteres de Tarento, os dracmas de colônias gregas como Massalia, Rhoda e Emporion; e, mais tarde, os denários da República romana. Essas moedas (anverso: Efigie de Roma com capacete; reverso: biga com auriga)⁵ também serviram de protótipo para importantes emissões de moedas celtas no centro-leste da Gália (GRUEL, 2006, p. 70-72; GRUEL e POPOVITCH, 2007, p. 38-42). O Quadro 1 ilustra os principais protótipos monetários na Gália e suas regiões de influência entre os séculos III e I a.C. (BRIGGS, 1997, p. 244-248; KRUTA, 2000, p. 109-111; 734-737).

Quadro 1: Protótipos monetários utilizados na Gália como modelos de cunhagem, sua região e período de influência.

Protótipo de inspiração	Região celta da cunhagem	Período
Estáter de ouro de Filipe II da Macedônia– “Filipes”	Gália central e oriental, zona do Reno	III-II a.C.
Estáter de ouro de Tarentum (Taranto)	Norte da Gália (belgas)	III-II a.C.
Dracmas de prata de Rhoda (Rosas) e Emporion (Ampurias) – “ <i>Monnaies à la croix</i> ”	Sudoeste e centro-oeste da Gália	III-I a.C.
Dracmas de prata de Massalia (Marselha)	Sudeste da Gália (região do rio Ródano)	III-II a.C.
Denários de prata de Roma	Vale dos rios Ródano e Saône (Zona do denário)	II-I a.C.

Segundo Briggs, as primeiras emissões eram de ouro e de prata, sendo utilizadas como pagamento oficial, taxas, tributos, multas, dotes, oferendas religiosas e outros usos cotidianos (BRIGGS, 1997, p. 245). As emissões podiam ser centradas em locais como um *oppidum*,⁶ santuário, etc., e poderia haver vários pontos de emissão para uma mesma série, como é o caso da Zona do denário gaulês,⁷ e difusão em um ponto ou região mais vasta. Moedas como os *potins*⁸ expressariam a estrutura social gaulesa, baseada em clientelismo e alianças matrimoniais (GRUEL, 2002, p. 205-206, 209-210). Emissões em santuários são atestadas na Gália Bélgica (norte do rio Sena) e no centro-leste (IZRI, 2011, p. 644). Nesse caso, um exemplo são as emissões nas proximidades ou no próprio santuário do *oppidum* de Corent (Auvérnia, França) (POUX, 2011, p. 162-163). A moeda como intermediária de transações comerciais era um dos aspectos da economia dos *oppida* (NEMESKALOVA, 2006, p. 210). O advento dos *oppida* na Gália temperada, na segunda metade do século II a.C., teve papel crucial na propagação das moedas, uma vez que estavam associadas às elites dirigentes dessas aglomerações.

Uma substancial parte das moedas recuperadas pelos arqueólogos foi depositada como oferenda religiosa ou deixada em locais sagrados (HASSELGROVE, 2007, p. 715). De acordo com Katherine Gruel, a oferta de moedas aos deuses nos santuários tem certamente função ritual, sendo uma prática bem atestada em *La Tène D*.⁹ E tal depósito, particularmente em ouro, corresponderia à riqueza de um povo sob a tutela dos deuses.¹⁰ Essa prática também pode ser encontrada em meios naturais, como lagos, poços

e cavernas, tornando-se mais intensa no período romano. Segundo a autora, o santuário poderia assumir um papel de “banco” (aspas da autora) junto à comunidade, cuja riqueza poderia ser retirada em caso de necessidade, como as guerras (GRUEL, 2007, p. 710-712). Provavelmente, em certos casos, as moedas, e outros artefatos, faziam parte das oferendas invioláveis dadas às divindades, como relatado por César (*A Guerra das Gálias* VI, 17), Estrabão (*Geografia* IV, 1, 13) e Diodoro (*Biblioteca Histórica* V, 27), sem as mencionar.

Religião e cosmologia nas imagens das moedas

Os temas presentes nas moedas teriam natureza religiosa (DUVAL, 1987, p. 1; GREEN, 1997, p. 63). As imagens monetárias apresentavam o mundo religioso dos celtas dos séculos II e I a.C. (KRUTA, 2000, p. 357). No entanto, tais imagens costumam ser pouco estudadas, em parte devido ao escasso conhecimento sobre a religião céltica, em razão da tradição oral. Na verdade, os temas religiosos/cosmológicos do início do período lateniano encontram-se nas moedas do final desse período. Para Kruta:

O repertório queorna as peças do serviço do vinho e outros objetos de prestígio da segunda metade do V século forneceram as primeiras representações de divindades celtas. Elas permanecem infelizmente anônimas e são caracterizadas por sua associação com temas e atributos – a Árvore da Vida e os guardiões monstruosos, a palmete, a dupla folha do visco, o cavalo, a cabeça humana e outros – cuja maior parte figurava ainda nas moedas célticas do I século a.C. (KRUTA, 2006, p. 79-80)

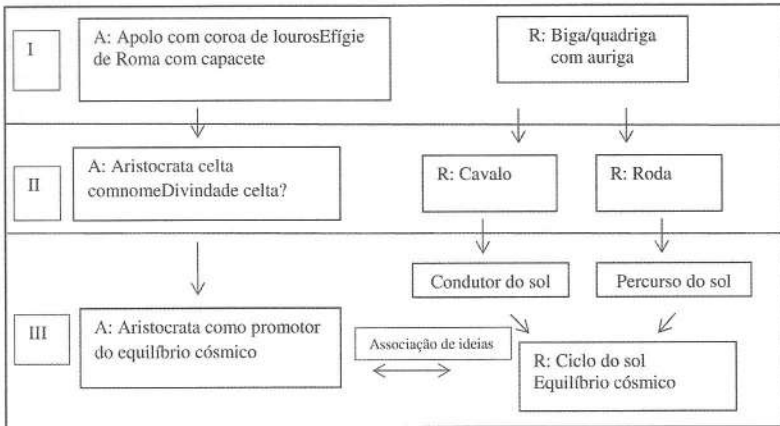
As imagens das primeiras emissões costumam ser consideradas imitações da cabeça humana (Apolo) e da carruagem, representadas nas moedas de Filipe II, mas nas emissões subsequentes, há um processo de desintegração ou decomposição das imagens originais helenísticas, tendendo a formas abstratas (MEGAW; MEGAW, 2001, p. 178-180; BUCHSENSCHUTZ, 2007, p. 161). As emissões passam a se distinguir dos protótipos, pois surgem motivos originais (KELLNER, 1999, p. 476). Para Katherine Gruel, as imagens nas moedas ilustram um processo de transformação de temas mediterrânicos, sendo o resultado da integração de influências

da arte da segunda Idade do Ferro. As alterações na cabeça laureada de Apolo não resultam de deficiência técnica, mas do desejo de singularizar. A cabeça humana presente nas moedas mediterrânicas passa por uma decomposição em motivos não figurativos. Na verdade, uma adaptação aos cânones estéticos dos celtas (GRUEL, 1993, p. 301, 304, 308; 2006, p. 68-69).¹¹ Em relação ao tratamento da cabeça de Apolo, os cabelos e a coroa de louros tornam-se motivos em espirais, “esses”, trísceles, folhas do visco, etc.¹² A efigie de Apolo teria servido de inspiração para a efigie dos aristocratas celtas.

Entre os motivos mais relevantes e comuns estão a roda e o cavalo. A roda com eixos evoca tanto o Sol como o carro de combate, do qual deriva. O cavalo é associado ao Sol (ou símbolos solares) e ao seu curso; e nas antigas tradições indo-europeias o astro é conduzido por um cavalo durante o dia (DUVAL, 1987, p. 46; GREEN, 1995, p. 88-91; 1997, p. 122; 2004, p. 160; ALDHOUSE-GREEN, 2004, p. 140-141). A roda seria a representação do Sol (disco solar) e do seu percurso. Cremos que a associação cavalo-roda bastaria para representar o curso diário do Sol em um ciclo inexorável.¹³ Então, a imagem do aristocrata no anverso, às vezes de corpo inteiro, com ou sem o seu nome, associa-se à imagem do reverso onde está representada a ideia do curso do Sol, evocando o equilíbrio cósmico. Isso teria forte impacto na população (Quadro 2).

Também devemos considerar que divindades celtas¹⁴ possam estar representadas nas moedas. César (*A Guerra das Gálias* VI, 16) se refere às representações (*simulacra*) de uma divindade associada ao comércio, Mercúrio, mas não no numerário. No entanto, uma divindade celta equivalente poderia estar em algumas das efigies. O Quadro 2 mostra uma proposta para interpretação de imagens monetárias celtas. Imagens desse tipo passariam uma mensagem simples e clara para a população que tivesse acesso ao numerário.

Quadro 2: Proposta para uma interpretação de imagens em algumas moedas celtas. O cavalo e a roda eram dois importantes elementos iconográficos. I- Protótipo: Moeda grega ou romana; II- Moeda celta com elementos derivados do protótipo; III- Proposta para interpretação das imagens nas moedas celtas. (A = anverso, R = reverso)



As setas simples indicam a inspiração para as moedas celtas (I-II) e a interpretação das imagens (II-III).

O impacto da moeda: oralidade/escrita, imagem e identidade

Segundo Cardoso, a oralidade e a escrita não são irreconciliáveis, mas interação de forma complexa e em múltiplas direções (CARDOSO, 2005, p. 203). Acreditamos que tal concepção é aplicável ao advento da escrita nas moedas celtas, nas quais temas da religião e da cosmologia, até então passados oralmente, foram cunhados na grande maioria do numerário do final da Idade do Ferro. Assim, alguns povos celtas utilizaram o alfabeto grego ou latino para escrever elementos de sua cultura, como nomes de aristocratas, e, em menor escala, nomes de povos e de *oppida*.¹⁵ Vários aristocratas citados por César no século I a.C., na Guerra das Gálias (58-51 a.C.), são reconhecidos em imagens nessas moedas, como os éduos Dumnorix, Litavico, e o líder arverno da rebelião gaulesa contra o general romano, Vercingetorix, etc. (LAMBERT, 2003, p. 183). Além disso, na imensa maioria dos casos, os vocábulos têm origem celta (gaulês). E era

desnecessário saber ler ou conhecer esses alfabetos, pois as pessoas viam as inscrições como signos (CREIGHTON, 2000, p. 167 e 169). O impacto da moeda em uma sociedade baseada na oralidade deve ter sido intenso. O uso da escrita entre os antigos celtas teve forte relação com a cunhagem. No entanto, há alguns casos de vocábulos latinos e imagens mediterrânicas utilizadas aparentemente sem alteração.¹⁶

Segundo César (*A Guerra das Gálias* VI, 14), os druidas permitiam a escrita em contextos não religiosos.¹⁷ Entretanto, trata-se de uma generalização, pois a escrita nas moedas como visto articulava-se com imagens religiosas. Os druidas teriam assegurado o controle e a interdição sobre a escrita (BRUNAU, 2006, p. 264-270). Talvez esse grupo interferisse na escolha dos temas cunhados nas moedas (ALDHOUSE-GREEN; ALDHOUSE-GREEN, 2005, p. 142).

Para Wells, inspiradas nas similares romanas, as moedas com o nome e a imagem de líderes celtas representados permitiram um sentimento de identidade ou pertencimento a uma comunidade. Sua cunhagem representou a primeira produção em massa de imagens da Europa temperada; e muitas imagens idênticas puderam ser produzidas e disseminadas (WELLS, 2001, p. 94-95, 122-123; 2008, p. 23, 85, 97-98 e 133). Segundo o autor:

[...] toda pessoa que podia possuir uma moeda e a sua imagem estava ligada a toda pessoa que possuía o objeto com a mesma imagem, mas também ligada a um indivíduo ou grupo que controlava o processo de cunhagem – o suprimento de metal, a cunhagem e a tecnologia de cunhagem. (WELLS, 2008, p. 132)

Os aristocratas, provavelmente promotores das cunhagens, buscavam associar sua imagem (efígie ou corpo inteiro, com a presença ou não do nome) a ideias religiosas e cosmológicas. No final da Idade do Ferro, no contexto dos *oppida*, na Gália não mediterrânica, as moedas foram o grande veículo disseminador da propaganda da elite associada a essas concepções. Nunca antes as ideias de cunho religioso puderam alcançar uma quantidade tão grande de pessoas. Mesmo um camponês podia visualizar a mensagem de propaganda e a ideia religiosa do numerário.

Imagens como o cavalo e a roda, entre outras que comentamos, circulavam pela Gália temperada e além. O aristocrata, cuja família detinha influência em um *oppidum*, que era centro emissor, podia associar seu nome

e imagem a essas representações e reforçar seu status na sociedade. Provavelmente, esses aristocratas, como Dumnorix¹⁸ e outros, eram os patronos das emissões. É possível que essas imagens fossem diligentemente escolhidas pelos druidas visando a propagar determinada concepção mitológica ou cosmológica. As cenas cosmológicas, como a representação do curso do Sol, já seriam conhecidas. Tais mensagens circulavam e proporcionavam a visualização da tradição oral. Tal fato reforçou laços identitários entre os povos pelos quais circulavam certas séries monetárias. Assim, o grande guerreiro podia ser representado cercado de armas, muitas com conexões religiosas, como a carnix e a insígnia do javali (KRUTA, 2000, p. 518 e 598-9), afirmação de identidade e status.

Conclusão

Ainda hoje, a cunhagem entre os povos celtas é vista como secundária em comparação à mediterrânica. Na verdade, as moedas cunhadas por esses povos representam uma notável manifestação técnica e, sobretudo, artística. Na grande maioria das vezes, os celtas não utilizaram as imagens dos protótipos monetários mediterrânicos de forma servil. Ao contrário, ainda que certas vezes elementos gregos ou romanos fossem utilizados sem aparente alteração, como regra esses elementos mediterrânicos foram transformados ao gosto celta. O que começou com o retorno dos mercenários e inspiração em imagens mediterrânicas, tornou-se, para além da função econômica, uma forma de manifestar as crenças. O numerário tornou-se veículo de imagens com sentido religioso e mesmo cosmológico, cuja interpretação em muito nos escapa.

Como exemplo, as cabeças (efígies realistas) das moedas mediterrânicas, com o tempo, transformaram-se em cabeças ornadas com vários motivos solares ou ao astro associados. Os cabelos, principalmente, tornaram-se cheios de espirais, curvas, e afastaram-se do tratamento clássico, diferenciando-se radicalmente dos protótipos mediterrânicos.

No final da Idade do Ferro, a divulgação de uma iconografia religiosa, associada às imagens de aristocratas e de seus respectivos nomes, permitiu a propagação não apenas de ideias, mas serviu aos interesses das elites entre os seus clientes e o povo, reforçando identidades locais.

THE CELTIC COINS IN GAUL: INTRODUCTORY CONSIDERATIONS ABOUT THE IMAGES

Abstract: From III century B.C., inspired by coinage of Mediterranean peoples, Celtic people in temperate Gaul started to mint coins, generally diffusing images of their own religious ideas. The aim of this work is to propose an introductory explanation about the images in Celtic coins during the Late Iron Age Gaul.

Keywords: Celtic coins, images in Iron Age coinage; Celts in Gaul; Iron Age Gaul.

Documentação textual

CAESAR. **The Gallic War**. Translated by H. J. Edwards. London: Cambridge: Harvard University Press, 2004.

DIODORUS SICULUS. **Library of History**. Book IV. 59-VIII. Translated by C. H. Oldfather. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

STRABON. **Géographie**. Livres III et IV. Traduit par F. Lasserre. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

Referências bibliográficas

ALDHOUSE-GREEN, Miranda-Aldhouse. **An Archaeology of Images**. Iconology and cosmology in Iron Age and Roman Europe. London: Routledge, 2004.

_____; ALDHOUSE-GREEN, Stephen. **The Quest for the Shaman**. Shape-shifters, Sorceres and Spirit-healers of Ancient Europe. London: Themes & Hudson, 2005.

ALLEN, Stephen. **Lords of Battle**. The World of Celtic Warrior. Oxford: Oxprey Publishing Ltd., 2007.

BRADLEY, Richard. **The Passage of Arms**. An archaeological analysis of prehistoric hoard and votive deposits. Oxford: Oxbow Books, 1998.

BRIGGS, Daphne Nash. Coinage. In: GREEN, Miranda J. (Ed.) **The Celtic World**. London: Routledge, 1997, p. 244-253.

BRUNAUX, Jean-Louis. **Les Druides**. Des philosophes chez les Barbares. Paris: Seuil, 2006.

BUCHSENSCHUTZ, Olivier. The Celts in France. In: GREEN, Miranda J. (Ed.) **The Celtic World**. London: Routledge, 1997, p. 552-580.

_____. **Les Celtes**. Paris: Armand Colin Ed., Civilisations, 2007.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Etnografia e História da Leitura. In: _____. **Um historiador fala de teoria e metodologia**. Ensaios. Bauru: Edusc, 2005, p. 199-208.

CREIGHTON, John. **Coins and Power in Late Iron Age Britain**. Cambridge: Cambridge University Press, News studies in Archaeology, 2000.

_____. L'aristocratie britannique à travers l'iconographie monétaire à la fin de l'âge du Fer. In: GUICHARD, Vincent et PERRIN, Franck. (Dir.) **L'aristocratie celte à la fin de l'âge du Fer** (du II siècle avant J.-C. au I siècle après J.-C.), (collection Bibracte, 5). Glux-en-Glène: Centre archeologique de Mont Beuvray, 2002, p. 299-309.

CUNLIFFE, Barry. The Impact of Rome and Barbarian Society, 140 BC-AD 300. In: _____. (Ed.) **The Oxford Illustrated History of Prehistoric Europe**. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 411-446.

DUVAL, Paul-Marie. **Monnaies gauloises et mythes celtiques**. Paris: Hermann, 1987.

FUNARI, Pedro Paulo A. **Antiguidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

GREEN, Miranda Jane. **Mythes celtiques**. Paris: Éditions du Seuil, 1995.

_____. **Dictionary of Celtic Myth and Legend**. London: Thames & Hudson, 1997.

_____. **The Gods of the Celts**. Stroud: Sutton Publishing, 2004.

GRUEL, Katherine. La visage humain du droit des monnaies gauloises armoricaines. In: BRIARD, Jacques; DUVAL, Alain. (Dir.) **Les représentations humaines du néolithique à l'Âge du Fer** (Actes du 115^o congress national des societies savantes). Paris: Éditions du C.T.H.S., 1993, p. 301-310.

_____. Monnaies et territoires. In: GARCIA Dominique; VERDIN, Florence. **Territoires Celtiques**. Espaces ethniques et territoires des agglomérations protohistoriques d'Europe occidentale (Actes du XXIV colloque international da l'AFEAF, Martigues 1-4 juin 2000). Paris: Errance, 2002, p. 205-212.

_____. Les prototypes des monnaies gauloises: les raisons de leur choix. In: FRÉRE, Dominique. (Dir.) **De la Méditerranée vers l'Atlantique**. Aspects des relations entre la Méditerranée et la Gaule centrale et occidentale (VIII-II siècle av. j.-C.), (Archéologie & culture). Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2006, p. 67-74.

_____. De la nature des dépôts monétaires gaulois. In: BARRAL, Philippe et al. **L'âge du Fer dans l'arc jurassien et ses marges**. Dépôts, lieux sacrés et territorialité à l'âge du Fer (Actes du XXIX colloque international de l'AFEAF, Bienne, 5-8 mai 2005, Annales Littéraires de l'Université de Franche-Comté, v. 2, 2007). Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté, 2007, p. 709-714.

GRUEL, Katherine; POPOVITCH, Laurent. **Les monnaies gauloises et romaines de l'oppidum de Bibracte** (Collection Bibracte, 13). Glux-en-Glène: Centre archeologique du Mont-Beuvray, 2007.

HASELGROVE, Colin. Iron Age coin finds from religious sites in Belgic Gaul: A comparative study. In: BARRAL, Philippe et al. **L'âge du Fer dans l'arc jurassien et ses marges**. Dépôts, lieux sacrés et territorialité à l'âge du Fer (Actes du XXIX colloque international de l'AFEAF, Bienne, 5-8 mai 2005, Annales Littéraires de l'Université de Franche-Comté, v. 2, 2007). Besançon: Presses universitaires de Franche-Comté, 2007, p. 715-729.

IZRI, Stéphane. Usages rituels de la monnaie. In: REDDÉ, Michel et al. **Aspects de la romanisation dans l'est de la Gaule** (Collection Bibracte, 21/2). Glux-en-Glène: Centre Archeologique du Mont-Beuvray, 2011, p. 639-654.

KELLNER, Hans-Jörg. Coinage. In: KRUTA, Venceslas. (Ed.) **The Celts**. New York: Rizzoli International Publications, 1999, p. 475-484.

KRUTA, Venceslas. **Les Celtes**. Histoire et dictionnaire. Des origines à la romanisation et au christianisme. Paris: Robert Lafont, 2000.

_____. **Les Celtes** (Qui sais-je?). Paris: PUF, 2006.

_____. et BERTUZZI, Dario. **La cruche celte de Brno**. Chef-d'oeuvre de l'art Miroir de l'Univers. Dijon: Editions Faton, 2007.

LAMBERT, Pierre-Yves. **La langue gauloise**. Description linguistique, commentaire d'inscriptions choisies. Paris: Errance, 2003.

MEGAW, Ruth; MEGAW, Vincent. **Celtic Art**. From its beginnings to the Books of Kells. London: Thames & Hudson, 2001.

NEMESKALOVA, Zdenka. La monnaie. In: KRUTA, Venceslas et al. (Dir.) **Celtes, Belges, Boiens, Rèmes, Volques...** Morlanswelz: Musée Royal de Mariemont, 2006, p. 205-221.

OLIVIERI, Filippo L. Os Celtas e o culto das águas: crenças e rituais. **Brathair**, n.6, v.2, p. 79-88, 2006. Acesso em 03/12/2012. Disponível em <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/viewFile/559/483>.

_____. A orientação espacial solar dos celtas. **Brathair**, v.1, n.10, p. 127-135, 2010. Acesso em 03/12/2012. Disponível em <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/viewFile/441/382>.

PÉRE-NOGUÊS, Sandra. Les Celtes et le mercenariat en Occident (IVe et IIIe av. n-é). In: MENNESSIER-JOUANNET, Christine; ADAM, Anne-Marie et MILCENT, Pierres-Yves. (Ed.) **La Gaule dans son contexte européen aux IVe et IIIe s. av. n. è.** (Actes du XXVII colloque international de l'Association

Française pour l'Étude de l'Âge du Fer, Clermont-Ferrand, 29 mai-1 juin 2003). Lattes: Édition de l'Association pour le Développement de l'Archéologie en Languedoc-Roussillon, 2007, p. 353-361.

POUX, Matthieu et GUICHON, Romain. Le sanctuaire. In: POUX, Matthieu. (Dir.) **Corent**. Voyage au Coeur d'une ville gauloise. Paris: Errance, 2011, p. 141-176.

SJOESTEDT, Marie-Louise. **Celtic Gods and Heroes**. Mineola: Dover Publishing, 2000.

STERCKX, Claude. **Les mutilations des ennemis chez les Celtes préchrétiens**. La Tête, les Seins, le Graal (Collection Kubaba, Série Antiquité). Paris: L'Harmattan, 2005.

WELLS, Peter S. **Beyond Celts, Germans and Scythians**. Archaeology and Identity in Iron Age Europe. London: Duckworth, 2004.

_____. **Images and Response in Early Europe**. London: Duckworth, 2008.

WOOLF, Greg. O poder e a difusão da escrita no Ocidente. In: BOWMAN, Alan K. e WOOLF, Greg. (Org.) **Cultura escrita e poder no Mundo Antigo**. São Paulo: Ed. Ática, 1998, p. 104-121.

Notas

¹ Termo sem conotação étnica. Segundo Venceslas Kruta, sobre os celtas: “[...] um mosaico de povos que tinha em comum o pertencimento de suas línguas a uma mesma origem indo-europeia e o essencial de uma religião de mesma origem” (KRUTA, 2007, p. 9).

² Trata-se da Gália não mediterrânica (França mediterrânica).

³ O mercenariado seria uma prática constante para certos povos celtas. Os *gaisates* (*gaiso*= lança) eram mercenários que serviram os povos celtas do norte da Itália (PÉRÉ-NOGUÉS, 2007, p. 354-355).

⁴ Essas moedas tinham grande circulação no Mundo Antigo e hoje são chamadas o “dólar da Antiguidade”, os “filipes” (KRUTA, 2000, p. 735). A moeda era a forma universal de pagamento aos mercenários, que tinham preferência pelo ouro (BRIGGS, 1997, p. 246).

⁵ Anverso: onde se situa a efigie (busto); reverso: face oposta, com outra representação.

⁶ Os *oppida* (sing. *oppidum*) eram aglomerações amuralhadas. Aqui nos referimos aos *oppida* da Gália temperada (aproximadamente norte do maciço dos Cevenas) dos séculos II e I a.C.

⁷ Trata-se de uma federação monetária nos séculos II e I a.C., e alinhada com o denário romano. Os povos da Gália envolvidos estavam situados na bacia do rio

Saône: os eduos (Borgonha), língones (Champagne-Ardenas), sequanos (Franco-Condado) e talvez os helvécios (Suíça ocidental) (KRUTA, 2000, p. 573; GRUEL et POPOVITCH, 2007, p. 16-17, 38-40). Uma das principais moedas da Zona do denário gaulês tinha a inscrição *KALETEDV*.

⁸ Optamos por manter a designação em francês, *potin*. Este era composto de uma liga de, no mínimo, 25% de estanho e era frequente, sobretudo na Gália oriental (KRUTA, 2000, p. 785).

⁹ Para a Gália, costuma-se considerar: *La Tène* (450 – 30 a.C.); *La Tène D* (130 – 30 a.C.).

¹⁰ Um depósito monetário trata-se de moedas colocadas voluntária e intencionalmente em um local (GRUEL, 2007, p. 709). Sobre oferendas em meios aquáticos, ver Filippo L. Olivieri (2006, p. 79-88).

¹¹ A cabeça humana era vista como depositária da alma (STERCKX, 2005, p. 116-117). Acreditamos que as efígies retratadas chamassem a atenção devido ao apreço dos celtas pela cabeça humana.

¹² Motivos iconográficos utilizados pelos celtas, muitos com contexto solar (KRUTA, 2000, p. 579,607, 649, 846). De acordo com a tradição celta, o furor guerreiro afetaria os cabelos e a cabeça com contorções, e poderia estar presente nas moedas armoricanas (SJOESTEDT, 2000, p. 61-3).

¹³ Sobre o cavalo como condutor do Sol, ver Filippo L. Olivieri (2010, p.127-135).

¹⁴ Os celtas representavam suas divindades diferentemente dos gregos e romanos. As divindades podiam tomar aspecto tanto humano como animal e vegetal (KRUTA, 2000, p. 575). Sobre a não preocupação com a perfeição da imagem humana, ver Miranda Jane Green (2004, p. 194-196).

¹⁵ Povos como os remos (Champagne, França) e *oppida* como Camulodunum (Colchester, Reino Unido).

¹⁶ É o caso do nome do rei dos sotiates (Lot-et-Garonne, França), Adiatuano, cujo nome está acompanhado do vocábulo latino *rex* (rei) (KRUTA, 2000, p. 391). Também há vocábulos latinos em algumas cunhagens pré-romanas com imagens de aristocratas bretões (CREIGHTON, 2000, p. 299-309). No sul da Britânia, o imaginário clássico teria sido utilizado em algumas cunhagens (CREIGHTON; 2000, p. 80-125). Também em alguns casos na Gália, a efígie não varia muito em relação ao protótipo romano: é o caso das moedas do aristocrata Litavico, que parece manter no anverso a efígie da deusa Ceres, presente no protótipo (GRUEL, 2006, p. 72; GRUEL et POPOVITCH, 2007, p. 165).

¹⁷ A escrita religiosa seria antidruída (BOWMAN e WOOLF, 1998, p. 116).

¹⁸ Aristocrata éduo (Borgonha, França) citado por César (I, 3, 9, 18, 20; V, 6, 7) como tendo grande influência no seio do seu povo e irmão mais novo do druida Diviciaco.